

O texto a seguir é uma transcrição da palestra proferida pelo Dr. Geraldo Machado, então diretor da Fundação Luís Eduardo Magalhães pela ocasião do Seminário Segurança e Participação realizado pelo Observatório de Segurança Pública da Bahia no mês de outubro de 2006.

Através deste texto, nosso objetivo é renovar a esperança em dias melhores, é proporcionar uma visão de um futuro possível para nossas cidades e nossos jovens, é acreditar que podemos resolver a desesperadora situação de insegurança em que vivemos com respeito aos direitos humanos e políticos.

Um Feliz ano novo!

A coordenação do Observatório de segurança pública da Bahia.

Dez de 2007.

APRESENTADOR:

Passamos, agora, a palavra, ao Ilustríssimo Superintendente Geral da Fundação Luis Eduardo Magalhães, Dr. Geraldo Machado, para proferir a palestra "Controle da criminalidade em mega-aglomerações – uma visita a Bogotá".

DR. GERALDO MACHADO:

Bom dia a todos. Quero saudar o Secretário de Segurança, Gen. Sá Rocha, meu querido amigo Vice-Reitor Guilherme Marback.

Acho que é um seminário extremamente oportuno, desafiador, aponta para uma direção que será a direção correta, um mergulho no que cada vez mais constitui a expressão "segurança e cidadão", que é algo que estamos migrando de um modelo de segurança nacional para um modelo de segurança-cidadão.

Peço desculpas antecipadamente por fazer um relato de uma viagem de 5 dias a Bogotá. É difícil resumir em 20 minutos uma viagem de 5 dias com uma agenda muito carregada.

Essa viagem foi proporcionada pelo escritório local do PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento), também com a participação da Secretaria de Segurança Pública e da Secretaria do Trabalho e Ação Social.

Nós fomos exatamente conhecer um programa que se encaixa como uma luva nos objetivos desse seminário aqui, que é hoje o Programa Segurança Cidadã. Esse assunto é de tal relevância que, ainda ontem, no jornal A Folha de São Paulo, no caderno Cotidiano, três páginas inteiras foram consagradas à análise de algo que chamou a atenção do mundo – a redução radical da criminalidade em Medellín e em Bogotá, duas cidades que eram conhecidas como o pesadelo da segurança pública pela quantidade de crimes, seqüestros etc... E isso foi feito independentemente de qualquer melhoria de renda e emprego. Bogotá, por exemplo, viu

despencar o número de mortes, de homicídios, de 1994 para cá, de 90 para 18, continua sustentável essa queda, eles acreditam que dentro de 4 ou 5 anos eles vão chegar ao nível de Miami. E isso, naturalmente, chamou a atenção de todos os órgãos multilaterais, do BID (Banco Internacional de Desenvolvimento) , ONU (Organização das Nações Unidas) etc.

É um exemplo de uma política que, infelizmente, é difícil de ser reproduzida num contexto como o nosso como, por exemplo, pensar a transversalidade de ações, de níveis de governo, de profunda conexão à própria forma da organização policial – mas eu creio que pode ser muito inspirador para que a gente perceba o que aconteceu por lá.

Um país que começou uma guerra terrível em 1950, crises sucessivas, narcotráfico, paramilitares, guerrilhas... E até hoje eles sofrem os efeitos dessa guerra: os narcotraficantes ainda dominam grande parte do território da Colômbia. Isso trouxe desemprego, recessão, inadimplência, as cidades estavam quebradas, serviços públicos de péssima qualidade, gestão pública acabada, pessimismo, ceticismo, corrupção – enfim: crises sucessivas e uma situação de absoluto caos, a cidade estava completamente ingovernável a partir de 1990. Uma cidade de 8 (oito) milhões de pessoas, dividida em 20 (vinte) zonas.

Em 1991 aconteceu um fato novo que veio a mudar bastante as coisas. Eles não tinham eleição para Prefeito e esta passou a ser realizada, uma nova Constituição foi criada, o Estatuto Orgânico de Bogotá, que mudou praticamente tudo politicamente; descentralização, democracia participativa, a estrutura da Prefeitura etc. Eles não têm Estado. Eles têm o governo central e têm as Alcaldias, os prefeitos. Eles não têm a instância federal como nós temos do governo nacional. E aí a Prefeitura passou a ter a obrigatoriedade de garantir direitos, reconhecer a diversidade étnica etc.

A primeira grande diferença é que só existe uma única polícia na Colômbia, que é a Guarda Nacional. O Exército fica nas mãos do presidente e a Guarda Nacional fica em todo o território. A grande novidade: ela é controlada pelos prefeitos, o prefeito é o chefe de polícia. Então, aí existe uma única pessoa que responde por tudo referente à segurança pública – o prefeito. Isso, que parece ser uma coisa irrelevante, é, na verdade, muito importante, muda tudo no ponto de vista de uma gestão porque, quando você vê um panorama complexo, diversificado, onde você não sabe onde apontar as responsabilidades, como no caso brasileiro, onde há, por exemplo, uma des-coordenação de níveis – polícia municipal, polícia estadual, polícia de nível federal – ou seja: ainda não há uma grande articulação, vocês podem imaginar a dificuldade. E aí aparece uma coisa muito interessante que foi a eleição de 1994, onde aparece uma figura muito nova, um herói, reconhecido como um verdadeiro herói nacional – o Sr. Antanas Mocus. Ele é filósofo, matemático e tornou-se Reitor da Universidade de Bogotá. Ela fazia uma boa administração até que surgiu um fato que veio torná-lo uma verdadeira celebridade. Numa

assembléia estudantil, vaiado, não deixavam que ele falasse, e ele reclamando o espaço democrático, quando subitamente, ele chegou ao seu limite, literalmente ficou de saco cheio, abaixou as calças e mostrou o traseiro à platéia. Isso foi plenamente mostrado por toda a mídia nacional, tendo lhe custado o cargo de Reitor, mas pelo conjunto de reflexões, de respostas – é um intelectual de fato, ganhou uma dimensão nacional.

As pessoas estavam cansadas de uma política tradicional, de lugares comuns, e aí ele se candidatou e foi eleito: não tinha partido, não tinha quadros, não tinha recursos, não tinha máquina eleitoral nenhuma, e foi eleito, um verdadeiro fenômeno da classe média que o elegeu.

Ele trouxe os temas polêmicos da administração de Bogotá para o debate público. O primeiro: aumentar os impostos; ele disse: "Olhe, se vocês querem bons serviços sociais, querem mudar a cidade, vocês têm que pagar!". Boa parte das pessoas não pagava IPTU e ele as chamou para que elas autodeclarassem o valor que queriam para suas casas, assim acabou aumentando a base de arrecadação e de apoio popular. Seu discurso central era reconhecer direitos dos cidadãos; a reconstrução da cidade e da cidadania. Os temas mais caros a ele eram civismo e transparência. Cumprir as regras, regras claras de jogo entre prefeitura e comunidade, ter muita clareza nisto. Cumprir a lei. Agora, que Lei?

A sua principal contribuição foi a sua declaração de que a cidade estava toda desorganizada, os comportamentos estavam completamente desconstruídos e que cada pessoa é gerida por três comportamentos: um, é a moral; a moral é o conjunto de valores que você tem pessoalmente, aquilo que o faz agir de determinadas maneiras, individualmente, socialmente – quer dizer: você tem o seu mundo muito subjetivo, dependente de situações familiares, de valores étnicos que você tenha desenvolvido ou ganhe pela família; então, este é o campo da moral. Você tem o campo social, que o campo da cultura, que é como uma sociedade se estabelece, é o nível de permissividade que a sociedade admite ou não, enfim, em que cada pessoa se situa por um conjunto muito geral de valores. E você tem a Lei. A Lei é o que está escrito. O correto, o direito. E quando há uma desarmonia dessas três condutas, porque cada uma delas interage com a outra, surge o caos. E ele resolveu entrar neste "miolo", de harmonizar a Lei, a Moral e a Cultura. Ensinar aos cidadãos a mudar o comportamento.

Algumas frases deles:

- Nenhuma geração é perdida, todos podem mudar o comportamento.
- Não me interessa tanto defender um bem, mas defender a vida.
- Não importa para mim que se roubem casas, roubem carros: o que eu quero é diminuir a violência, a quantidade de mortes.

O princípio teórico-filosófico dele é que as crenças dele e os costumes estão próximos da Lei e as pessoas têm que cumprir a Lei. Mas não por imposição autoritária, a Lei tem que permear, tem que ser compreendida

como uma grande regra de jogo, que é uma coisa que nós não temos muito o hábito de respeitar no Brasil.

E o tema dele é “como o cidadão participa da cidade”, convocá-los, desfrutar da cidade, era o tema do discurso dele, um discurso muito provocante. Como cada cidadão individualmente vê Bogotá, que é uma cidade para onde vem gente de todas as partes, muito cosmopolita, como cada um assume, incorpora Bogotá como sua própria cidade. Ser cidadão, ter sentimento de pertencimento, ver a cidade como um patrimônio coletivo.

Ele copiou muitas coisas, de vários lugares. Por exemplo, a Polícia Comunitária de Barcelona, Madrid, São Francisco. A resolução de conflitos do Peru, a resolução da violência familiar do Equador, o transporte de massas de Curitiba e de Quito, o SAC (Serviço de Atendimento ao Cidadão) da Bahia. Lá tem vários SACs fantásticos... Agora, a principal contribuição inovadora dele foi a cultura cidadã. É possível trabalhar comportamentos, é possível trabalhar uma cultura cívica.

Quais são as regras mínimas de convivência que uma sociedade tem que ter? Eles fizeram uma pesquisa: as pessoas não sabiam absolutamente quais regras mínimas de convivência eram essas... Como conviver, como compartilhar, como internalizar, como fazer com que regras mínimas virassem hábitos, que transformassem novas rotinas? Então ele assumiu que queria trabalhar um conjunto de comportamentos como furar fila, cumprir horário, lixo, papel nas ruas, buzina, faixa de pedestre...Essa coisa da cultura cidadã, ele colocou mímicos, contratou vários mímicos. Então, nas ruas, cada pessoa que parava numa sinaleira e a invadia a faixa de pedestre, os mímicos faziam um teatro que deixava esse motorista absolutamente em estado de ridículo. Isso foi ganhando adesão da sociedade e ele distribuiu 450 mil cartões vermelhos e a comunidade passou a dar cartão vermelho para motoristas que não se comportavam convenientemente. E isso virou um hábito.

Excesso de publicidade nas ruas, excesso de ruído, carros sobre calçadas, ou seja: regras mínimas que todos respeitassem. Os comportamentos devem seguir essas regras; uma cultura democrática. E ele fez uma aposta atrevida: que desde a cultura e o social, pode se mudar uma cidade, e não apenas, como todo mundo pensa, a partir da economia. Então, a desculpa de “enquanto não melhora o nível econômico...” não! Eles citaram: em 1994 Medellín tinha 294 mortes por 100 mil habitantes, Bogotá 90 mortes por 100 mil habitantes e Cairo 1 morte por 100 mil habitantes. E a cidade do Cairo não é uma relação direta entre violência e pobreza e eles demonstraram isso muito bem.

E como transformar essas idéias em ação pública? Como transformar isso em processos culturais, pedagógicos, vender novas regras de convivência e acatamento de normas legais? Então ele investiu muito na cultura da legalidade. E aí mexeu no Código de Polícia, no Código de Trânsito, na situação tributária, não como um imposto, mas era uma

aposta de que se pagassem cada um, 10% a mais do seu imposto, ele criou um campo no boleto para que as pessoas escolhessem onde investir esses 10% a mais do seu imposto. Isto foi um sucesso. A cidade saiu do estado de inadimplência.

Ele pautou a sua ação, a ação da prefeitura, em três eixos: o da igualdade, que é pensar a cidade desde os mais fracos e os mais débeis não é trabalhar para os mais ricos, para os bairros mais poderosos.

Criaram um sistema de transporte coletivo sensacional, baseado no de Curitiba. Quando eu olho nesse metrô, me dá vergonha...! Por não ter pensado na possibilidade de um sistema articulado de ônibus como o que eles conseguiram montar e que funciona à perfeição. O dinheiro que a Prefeitura tinha foi para o transporte de massa, não foi para fazer viadutos, para evitar engarrafamentos em bairros onde se concentram os de maior poder aquisitivo, enfim...

Ah outra coisa é uma igualdade a partir da oferta de bens e serviços públicos de alta qualidade, aos quais todos têm acesso. O interesse público tem primazia sobre tudo, recuperação dos espaços – este foi um dos mais belos trabalhos realizados, que foi recuperar o espaço público. Nós estamos perdendo também aqui na Bahia o espaço público, que está sendo invadido pelo espaço privado, por interesses privados, e o trabalho dele foi resgatar. Isso que eu vou falar um pouco depois. A cultura cidadã: ter e exercer direitos e deveres numa co-responsabilidade entre Estado e todos os cidadãos.

A apropriação desses eixos que falei, gerou continuidade. Já ocorreram várias mudanças de prefeitos de lá para cá, mas não prevalece mais uma lógica partidária. O que prevalece, porque houve muita politização e muito contato com a população, é a lógica desenvolvimentista – não se pode mais voltar atrás.

Vou falar rapidamente sobre algumas visitas que fizemos. A primeira visita que acho que interessa foi à polícia – a polícia foi muito transformada, foi aumentado em muito o quadro de policiais, e hoje a polícia é muito, muito, muito treinada pelas universidades. Aliás, o papel das universidades, está cada vez maior, também junto ao sistema penitenciário e carcerário, enfim junto à polícia.

O grande feito que eles anunciam foi o novo Código de Polícia. Eles elaboraram este novo Código de Polícia durante três administrações municipais sem perda de continuidade. Participaram mais de 10 mil pessoas e mais de 900 organizações discutindo como mudar a polícia.

Há sempre um quadro de medo, de temor, aversão à polícia, em qualquer lugar do mundo. Lá eles quiseram fazer algo fora da linha do castigo e de dar sanção aos cidadãos, apoiados naquilo que eles chamaram de atitude pedagógica do Estado. O Estado tem que ensinar. A isto eles chamaram de "Carta de Civilidade". É a polícia quem se acerca mais das normas da cidadania. Como inspiração, hoje, praticamente toda a polícia de Bogotá foi altamente transformada, tornando-se uma polícia

comunitária. Ela é parte da sociedade, faz parte do desenvolvimento da sociedade, está mais próxima dos indivíduos.

Outra ação com a qual fiquei boquiaberto foi a do sistema transmilênio. É o sistema de transporte de uma cidade que define a cidade. A mobilidade que as pessoas têm, ou não, tem forte repercussão na área de segurança pública.

Os transmilênios são vários corredores que atravessam a cidade inteira e o trabalho deles foi conectar os pontos mais periféricos da cidade, para dar capacidade de deslocamento às pessoas. Antes, 60% andavam de ônibus, hoje 80% da população já anda de ônibus, é um sistema magnífico. Só que este transmilênio acabou apropriando muitas áreas públicas que se transformaram em calçadas para pedestres, tendo acabado em muito com as situações de batidas de automóveis, de mortes no trânsito, de feridos, de atropelos – isto é, deu um belo ordenamento ao trânsito urbano.

Este transmilênio liga, nas periferias, os SACS, lá eles são todos colocados na periferia. E eles têm uma coisa que é única na América Latina, são grandes bibliotecas, que são verdadeiros centros culturais freqüentados por quase 4 milhões de pessoas por ano. São centros de convivência, locais de encontros, cinemateca, teatro – e isto colocado nos bairros populares. Os nossos SACS estão em shopping center's nos bairros centrais. Lá foram colocados nas pontas, nas beiras das cidades, exatamente para criar uma nova situação social, uma nova sinalização social. Eles construíram um sistema de ciclovias com 300 km de extensão, que hoje é uma alternativa logística de transporte. Bogotá tem 25 km de extensão por 17. Uma pessoa, montando bicicleta, atravessa a cidade em duas horas, em um sentido, em uma hora no outro. Isso permitiu novos acessos, essa é uma forma de liberdade que tem que ser garantida. Quando eu penso na miséria do nosso transporte público local... Quero dizer, são coisas que impactam a situação de segurança pública. O urbanismo. Reformas urbanas, sobretudo nos bairros mais pobres. O Lixo, o acesso às escolas, centros de saúde, lazer, transporte, jardins, parques. A prioridade está nessas áreas mais afastadas, mais periféricas, não transformar isto em territórios segregados, discriminados, abandonados – ao contrário, promover políticas de integração, urbanismo tem muito a haver... E aí você vê as conexões que raramente se passam no nosso Estado e no nosso país, que é a relação de políticas urbanas com segurança pública. Há muito pouco diálogo, ainda, entre essas áreas.

A recuperação dos espaços públicos é outro aspecto importante, eles urbanizaram o que foi possível. Urbanizar, sempre devolvendo o espaço público a população, dar a população o prazer de caminhar nas calçadas, dar de volta o prazer às pessoas de se encontrarem nas praças, dar o prazer de usufruir, sempre a noção de gozar a cidade, desfrutar da cidade, a cidade de todos. A cidade que não pode ser território com corredores, áreas de segurança restritas e o resto entregue à selvageria.

Todo o trabalho é feito para a incorporação dos espaços públicos, novas praças, ruas fechadas etc. Nasceu uma nova vida noturna.

A cultura tem um papel imenso dentro do urbanismo, é outro segmento que raramente é colocado em nossas discussões. Não só a gente não cultua quase nada de cultura cívica ou de cultura cidadã, como a cultura não é colocada do ponto de vista de inclusão social, de ajudar a provocar a coesão social, porque ela é fonte de realização pessoal para cada um... Na Folha de São Paulo tem uma frase que diz: "Uma pessoa que ama a leitura, com certeza não mata." Eu achei sensacional a frase. Está lá, é o depoimento de um boliviano. E é uma vacina contra a marginalização.

A educação. Eles tomaram a cidade toda educando; é a cidade educadora. Todos os serviços públicos e privados, de alguma maneira, têm conexão com a escola. Os empresários têm forte participação, cooperando com suas capacidades de gestão com as escolas com o objetivo de melhorar o padrão educacional. No currículo das escolas tem uma coisa chamada "competência cidadã", que são temas que desde cedo os jovens aprendem a viver em grupo, a tomar decisões em grupo, a resolver conflitos, é o protagonismo juvenil. Isto é possível, não é utopia, não! Está sendo realizado com excelência. Eles fizeram cair de 90 mortes, um dos mais altos índices do mundo, para 18 por 100 mil habitantes. Isto somente através desses mecanismos sociais e culturais basicamente. E é claro com intervenção urbanística.

As bibliotecas, eu já falei, são os equipamentos mais centrais do bairro, é o centro de cada bairro, são verdadeiras áreas de encontro.

Para a vida comunitária não basta reprimir. Muitos fatores subjetivos devem ser trabalhados: como a auto-estima das pessoas e o sentimento de pertencimento. A violência, além de ser um reflexo da impunidade, é uma indicação da falta de auto-estima das pessoas. Então, por que não ter uma política para revigorar a auto-estima dos cidadãos?

As comunidades podem, sim, ser educadas – e isto eles estão fazendo por lá, educando as cidades para serem capacitadas para lidarem com questão da violência e da segurança.

Surgiram novos personagens, tipo "vigilantes dos bairros", "promotores de convivência", "mediadores de conflitos", fazer com que as brigas se transformem em diálogos. Eles provaram que é possível uma cultura do entendimento, do diálogo.

Também criaram um sistema habitacional fantástico. Lá chegam 40 (quarenta) famílias refugiadas da guerra, a cada dia, e então eles criaram um programa habitacional sensacional, com inserção, com trabalho, com educação, entrando, também, com segurança alimentar, reforçando os circuitos de economia solidária, produção de alimentos, micro-créditos. São várias políticas integradas que rompem – quebram com a cadeia da violência. Eu acho que a nossa verdadeira miséria brasileira é a fragmentação escandalosa da sociedade! Nós não nos damos conta de que

o inimigo número 1 que nos temos hoje é a fragmentação, tudo separado em instituições, cada um cuida do seu... E lá, pelo fato da Prefeitura ter esse conjunto de poderes, houve uma facilidade de integração dessas políticas.

Por que ocorreu o êxito dessa experiência? No âmbito político, certamente, o manejo e a liderança de um prefeito: ele é o responsável. No âmbito técnico, eles deram uma atenção imensa ao que eles chamam de "observatório". Informações têm que ser confiáveis; por exemplo. Eles falaram: tem 1.600 bairros, mas 70% dos crimes acontecem só em 92 bairros. E aí você tem que mudar a gestão da polícia. Então eles acompanham com um sistema de indicadores GPS, eles fazem uma leitura da tipologia do crime, áreas que onde estão ocorrendo, por que os crimes geralmente acontecem lá, naquelas áreas, eu não sei, mas ocorrem mais entre 8 da noite e 2 horas da manhã. Então eles entraram com uma coisa que eles chamam de horário "sanahória", algo como um horário saudável de fechar. Eles começaram a fechar os bares às 11 horas em áreas deprimidas e isto reduziu a quantidade de crimes. Então, eles têm lá um sistema, um "observatório, eles têm um sistema unificado de informações. Muitos órgãos trabalham com informações – IML, Instituto Médico Legal, a Polícia – então eles resolveram acabar com as discrepâncias e fazem uma reunião com todas as entidades cada sexta-feira, para uniformizar os dados. Emitem um boletim mensal e publicam isso. Lá não se esconde nada! A luta é de todos e tem que haver total transparência do que está acontecendo, dos acertos, dos erros, das vitórias, dos ganhos – isto tem que ser compartilhado.

É um trabalho interinstitucional – esta é uma outra razão. Quer dizer, você tem governo, polícia, ministério público, medicina legal – o governo senta com todo esse grupo de segurança cidadã uma vez por mês para gerar um fortalecimento das relações entre polícia e justiça, com um forte apoio também das universidades. Infra-estrutura, capacitação, as tecnologias de informação, a própria justiça tem ser um ator ao lado, não pode estar em cima, que é onde fica aqui no nosso país. Tem que ser um ator muito próximo, a justiça tem que estar próxima ao cidadão. Eles legalizaram uma função nova que são os "conciliadores de equidade". Têm muitas instâncias. Hoje, nos bairros, existem vários conciliadores. Isto permite que partes litigantes se sentem e que uma seja obrigada a ouvir a outra. Todos falam e todos escutam. Esses são os conciliadores de equidade. Muito controle, através desses "dispositivos" sociais sobre os fatores de risco: como o álcool, o trânsito, o desarmamento, a resolução de conflitos, a atenção a grupos vulneráveis, os drogados, os trabalhadores sexuais, os fogos de artifício, a recuperação dos espaços públicos, a prestação de contas e o monitoramento. Isso daí é básico, faz parte de todo o trabalho. Você tem que fixar as metas e tem que publicar se chegou lá ou não. Você tem que expor os seus esforços. Em um determinado destacamento, onde tem muito crime, ele tem que se obrigar a reduzir aquela quantidade de crimes daquele bairro onde trabalha. Todo mundo tem que cobrar a meta e tem que explicitar seus resultados.

A avaliação externa existe. A câmara de comércio, a mídia, as universidades juntamente com a população a exerce. Criou-se lá um grande sistema de avaliação social, de controle social sobre as diferentes áreas e serviços públicos e privados chamado "Bogotá, como vamos?". É uma iniciativa da Câmara de Comércio, da universidade e de um jornal. Uma vez por mês eles publicam o termômetro da cidade. Todos os indicadores mais confiáveis são publicados em todas as mídias para que as pessoas possam saber como vai a qualidade de vida, quais são os resultados dos esforços.

Um outro aspecto é a participação comunitária e a ação da polícia em termos de segurança e convivência. Ou seja, não é só denunciar, não é só chamar a comunidade para a denúncia; é na resolução de conflitos, na organização dos vizinhos, na participação, fazendo com que se respeitem os bens públicos, os direitos humanos. Então eles têm hoje, estão contratando por 6-8 meses, jovens transgressores, que se chamam "guias cívicos" cuja atribuição é ensinar às pessoas como se comportarem em espaços públicos – como atravessar na faixa de pedestres, no viaduto para pedestres, como se comportar nos eventos, no trânsito etc. Isto tem transformado radicalmente estes jovens que passam a respeitar, passam a ser respeitados, a possuir auto-estima, aprendem a se comportar e a se vestir dentro de um novo contexto.

Programa de melhoria de qualidade de vida e desenvolvimento de projetos de solução de problemas dos bairros. O planejamento urbano é fruto de muita interação com as universidades, e quanto a isso, buscaram-se soluções para zonas onde a criminalidade dominava. Encontraram soluções, houve exemplos de mudanças imensas na ressocialização com várias experiências. Porém o Estado tem que mostrar a sua força nessa área (de impedir a criminalidade). E essa continua a ser a característica número 1 do Estado, o Estado é o único organismo social que tem o poder legítimo de coação. O Estado tem que ser muito firme nisso – agora, tem que ser: mais humano nos presídios, com melhores instalações, alimentação, esporte, formação, eventos culturais... É um tudo que tem que ser completamente entrelaçado, interligado, senão você cai na fragmentação.

Como últimas palavras eu quero dizer o seguinte: não dá para reinventar a roda. Bogotá já mostrou que existe solução, e ela é reconhecida mundialmente, hoje, como um caso de sucesso – existem vacinas para se reduzir os níveis de violência urbana. Bogotá é o maior laboratório, hoje, do mundo, para redução da criminalidade e da violência. Reduzir a criminalidade e a violência não é uma simples consequência de acabar com a pobreza e a miséria – lá 40% da população é miserável, 70% dos jovens não têm emprego.

A ofensiva tem que envolver simultaneamente vários planos ou níveis do Estado. É sobretudo mais uma questão de gestão, de políticas públicas e de prioridades políticas. Exige uma forte articulação de todos os níveis de governo (Federal, Estadual e Municipal). As ações sociais são tão

importantes quanto os mecanismos de prevenção e repressão ao crime. Como pano de fundo você tem que ter uma verdadeira concepção sobre desenvolvimento urbano. Ou seja, além de aprimorar os mecanismos de repressão, você tem que investir em urbanismo, combinado com a educação, com cultura, etc. Eles cortaram na própria pele: eliminaram uma polícia, eles tinham uma polícia de trânsito municipal muito corrupta e esta foi eliminada. Eles fizeram uma depuração do contingente policial – 20%, ou seja: 15 mil pessoas foram afastadas da polícia. Cortaram!

Tudo isso é uma sinalização para a comunidade de que algo de novo está chegando. A cidade é, portanto, essencialmente, o local de desfrute, onde o tema não é ter mais dinheiro, mas saber ser feliz. O bem público, para eles, é um culto. Bem público não é essa porcaria que não pertence a ninguém e que ninguém dá bola. Não! Bem público é o que há de mais precioso, de mais sagrado, e que pertence a todos. Isso eles martelam em todas as áreas.

Muito controle social: o prefeito é claramente cobrado sobre seu desempenho, ele é avaliado em tudo – sobre furtos, roubos, limpeza, educação, qualidade de vida – ou seja: tem o RESPONSÁVEL e isto muda tudo do ponto de vista da gestão.

Muita ênfase no poder local: a segurança pública é um fenômeno de poder local. A vida é local, tem contingências, complexidades e situações específicas. A ênfase é na articulação da segurança com a convivência.

Com este rápido sobrevôo sobre o que eu vi em Bogotá eu quis passar para vocês as soluções deles. É claro que nós não temos uma situação política ou institucional sequer semelhante, mas acho que todos nós, aqui, estamos buscando isso – e eu espero que este rápido sobrevôo, este rápido relato possa servir de inspiração para vocês e que vocês voltem a acreditar em utopia, porque utopias como estas estão sendo realizadas.

Muito obrigado.